



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC
TURMA 05 – ZUMBI DOS PALMARES

EVA DA CUNHA FERNANDES

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA SANTO ANTÔNIO

Planaltina – DF

2015

EVA DA CUNHA FERNANDES

ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA SANTO ANTÔNIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade UnB de Planaltina – FUP/UnB, como exigência parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação do Campo - LEdoC, na área de Linguagens.

Orientador: Professor Dr. Djiby Mané.

Planaltina – DF
2015

ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA SANTO ANTÔNIO

EVA DA CUNHA FERNANDES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade UnB de Planaltina – FUP/UnB, como exigência parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação do Campo - LEdoC, na área de Linguagens.

Defendida e aprovada em ____ de _____ de 2016

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Djiby Mané – FUP/UnB (Orientador)

(Membro Interno)

(Membro Externo)

Dedico este trabalho a todos os meus familiares que tanto contribuíram para esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus porque se não fosse a sua imensa misericórdia não tinha chegado até aqui.

Agradeço aos meus familiares, aos meus pais, irmãos, tios, primos e entre outros que estiveram ao meu lado em todos esses anos.

Ao Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBIB), à Universidade de Brasília (UnB) pela rica oportunidade de adentrar o seu espaço e ter me tornado parte de sua história.

Agradeço imensamente a cada um dos meus professores que motivaram-me a não desistir deste curso, e de maneira muito especial agradeço ao professor Djiby Mané por ter aceitado me orientar na realização deste estudo. Desde já ressalto a minha satisfação de ter sido sua aluna e ter aprendido tanta coisa nova, que permitiram-me ter uma visão tão mais ampla do mundo e da localidade onde estou inserida.

Por fim, agradeço às professoras e aos alunos da Escola Santo Antônio do povoado de Vão de Almas que voluntariamente se disponibilizaram em participar dessa pesquisa, de forma a contribuir com suas percepções para este trabalho de reflexão e análise.

A linguagem é figura do entendimento [...] os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades [...] sabem falar os que entendem as coisas porque das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas. [Zânia Sandes, 2013].

RESUMO

Este trabalho de pesquisa fala sobre a variação linguística na Escola Municipal Santo Antônio, que está localizada na comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, a qual faz parte do município de Cavalcante (GO). O trabalho objetiva fazer um levantamento crítico das variações lingüísticas dos alunos da escola Estadual Calunga I Ext. Santo Antônio, tendo como perspectiva a valorização dessa cultura a partir do ensino da língua portuguesa. Assim, o estudo realiza uma análise em torno da diversidade linguística dos alunos do ensino fundamental desta unidade de ensino. A partir da pesquisa qualitativa etnográfica e de ações direcionadas ao tema com professores e alunos da localidade foi possível compreender as principais dificuldades enfrentadas no processo de interação entre a linguagem culta e informal, bem como entre as culturas urbanas e rurais evidenciadas neste contexto social. É ainda, é possível entender que desafios precisam ser vencidos para que o aprendizado local melhore e para que a Educação do Campo cumpra o seu papel de transformar a realidade do ensino local, de forma a promover o respeito às diferenças e ao mesmo tempo possibilitar aos educandos o acesso a novos conhecimentos para complementar a vasta cultura oral apresentada por esta histórica comunidade.

Palavras-Chave: Variação linguística. Cultura. Kalunga.

ABSTRACT

This research talks about the linguistic variation at the Municipal School St. Anthony, which is located in the Kalunga quilombo Go Soul, which is part of the municipality of Cavalcante (GO). The work aims to make a critical survey of the linguistic variations of the students of the State School Calunga I Ext. St. Anthony, with the prospect appreciation of this culture from the Portuguese language. Thus, the study performs an analysis around the linguistic diversity of elementary school students of this teaching unit. From the ethnographic qualitative research and actions directed to the subject with teachers and students of the locality it was possible to understand the main difficulties faced in the process of interaction between the cultured and informal language, as well as between urban and rural cultures evidenced in this social context. It also is possible to understand what challenges must be overcome so that the local learning better and the field of Education fulfills its role of transforming the reality of the local school, in order to promote respect for differences and at the same time enable students access to new knowledge to complement the vast oral culture by this historic community.

Key-Words: Linguistic Variation. Culture. Kalunga.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: MÉTODOS E MATERIAL.....	14
1.1. Caracterização da Pesquisa	14
1.2. População	15
1.3. Amostra	16
1.4 Instrumento de Coleta dos Dados	17
1.5 Procedimentos Para a Coleta dos Dados	17
1.6 Análise dos Dados	18
CAPÍTULO II: BASES TEÓRICAS.....	19
2.1 Identidade e Cultura do Povo Kalunga.....	19
2.2 Aspectos das Variações Linguísticas.....	20
2.3 O Letramento.....	24
2.4 O ensino de língua portuguesa	25
2.5 A influência da Educação do Campo no Ensino de Língua Portuguesa Embasado no Respeito às Diferenças Linguísticas.....	28
CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
3.1 Relatos dos Professores sobre Variações Linguísticas	30
3.2 Relatos dos Alunos sobre Variações Linguísticas	36
3.3 Análise das Ações Realizadas com os Alunos do Ensino Fundamental	36
3.3.1 Avaliação da Leitura.....	36
3.3.2 Avaliação da Escrita a Partir do Ditado.....	37
3.3.3 Avaliação da Escrita a Partir da Produção Textual.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	41

INTRODUÇÃO

A temática delimitada nesta pesquisa é “variação linguística no ensino e aprendizagem do português no colégio Santo Antônio da comunidade Kalunga Vão de Almas - GO: caso do 5º ao 9º ano.

O objetivo Geral deste trabalho é fazer um levantamento crítico das variações lingüísticas dos alunos da escola Estadual Calunga I Ext. Santo Antônio numa perspectiva de valorização dessa cultura a partir do ensino da língua portuguesa.

Os objetivos específicos são estes: Desenvolver um estudo teórico na Escola Santo Antônio acerca das variações lingüísticas da comunidade. Identificar os tipos de variações lingüísticas presentes nas falas dos alunos da Escola Santo Antônio. Registrar os tipos de variações lingüísticas dos alunos por meio de diálogo, entrevista e atividades educativas.

O tema variação linguística foi escolhido pelo fato de eu estar atuando em uma escola no campo como educadora, e pelo convívio que tenho com os alunos e os pais de ambos constantemente. Além disso, esse interesse veio também a partir da minha experiência de luta construída na Universidade de Brasília (UnB) no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) durante esses quatro anos de muita garra. Foi daí então que passei a perceber que há uma variação linguística dentro e fora da sala de aula da escola na comunidade Kalunga vão das Almas.

Essa convivência educacional naquela comunidade e naquela escola tem me mostrado o quanto essa variação de línguas contribui diretamente no processo de formação da cultura camponesa em sua dimensão territorial. Visto isso, a escola traz para aqueles alunos e para nós como educadores, novas experiências de vida com a língua, pois os alunos passam a conhecer novas regras do português brasileiro (norma padrão). Devido a isso, os professores que não conhecem essa variação linguística e até mesmo os alunos, pensam que essa forma tradicional impregnada na fala de ambos que veio de geração a geração ao longo dos anos está “incorreta”.

É importante ressaltar já de antemão que essa forma, essa maneira de falar não é incorreto, o que existe ali é uma especificação de língua de uma determinada região, neste caso Vão de Almas. Com isso, quero apontar aqui que é preciso mostrar os diferentes modos de expressões que existem para um único objetivo ou para distinguir uma única coisa e para, além disso, é preciso mostrar também nesta mesma

lógica a norma padrão de escrita e fala do nosso português atentando para que os alunos se beneficiem não somente da leitura e escrita e sim dos múltiplos letramentos existentes.

No âmbito desta descoberta, quero despertar nos alunos ali inseridos a consciência para que eles entendam que a forma ali expressada não se trata de erro, e sim, de variações linguísticas. Neste e em todos os sentidos, é importante que escola e a comunidade estejam interligados fazendo com que essa nova descoberta tenha maior sentido na vida de cada um desses sujeitos, onde eles possam apropriar-se e praticar a norma padrão sem esquecer a língua materna e cultura da comunidade. Ou seja, a língua que aprendemos com nossos pais e que veio dos nossos avós passando de geração em geração e que de alguma forma estava sendo vedada por uma ideologia pobre de professores desqualificados.

Assim sendo, tenho como propósito maior mostrar para os alunos essas diferenças entre a maneira que eles falam com a maneira que deve ser falada e escrita corretamente. Nessa perspectiva, será feita uma análise com as falas dos educandos para nortear essa diferença e semelhança. Neste contexto, descobrirei o que tem de mudança dentro e fora da escola depois que ingressei na Universidade como ledoquiana. Acredito que as mudanças não tenham sido muitas, mas já podemos perceber que os alunos mudaram suas visões de línguas, uma vez que os mesmos entenderam que não há falas erradas, e sim, línguas diferentes.

A problemática deste estudo se mostra a partir do momento que entendi um pouco sobre variações lingüísticas depois de muitos debates e estudos no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), foi ai que percebi o grande problema que há ali naquela comunidade e principalmente na escola onde estou inserida, pois, as escolas por onde passamos nunca trataram essas diferenciações ou definições entre línguas (variação lingüística). Com isso, percebi o tamanho da necessidade de abordar o assunto com mais afinco e precisão na escola e na comunidade, uma vez que, a língua da qual falamos não se trata de erro, e sim, de variação que se constituíram na sociedade ao longo das gerações. Assim, surge a seguinte pergunta: O que fazer para que a variação linguística seja considerada como um fator identitário Kalunga que precisa ser respeitado na comunidade local inclusive a partir do ensino na Escola Santo Antônio?

Neste sentido, acredito que essa falta de conhecimento tem acarretado grandes dificuldades na vida estudantil dos alunos em todas as escolas que desconhecem

esse antigo modelo de linguagem, principalmente quando os alunos de comunidades tradicionais deslocam da comunidade para a cidade em busca de aperfeiçoar seus conhecimentos. Digo isso, porque assim como muitos outros alunos que saíram ou saem para estudar em cidades que não conhecem essa realidade também fui vítima de preconceitos raciais e discriminada quanto ao modelo de língua que na escola expressava.

Tanto os professores, quanto os colegas de escola riam de mim quando pronunciava palavras para designar tal coisa que segundo eles eram erradas. Com tudo, percebo que essa visão muitas vezes tem feito com que a maioria dos jovens abandonam os estudos antes mesmo de concluir o ensino básico.

No entanto, como se pode notar, também busco com este trabalho romper um pouco essa concepção de educação que atualmente ainda existem nas escolas, apontando essas variações de línguas e as padronizações que nos foram impostas ao longo dos séculos. Sendo assim, nada mais importa neste momento de grande consolidação das escolas no campo de que tratar tais assuntos com mais precisão com objetivos de transformações no antigo modelo de educação.

Para tanto, este trabalho se caracteriza por apontar um conjunto de ações inter, multi e transdisciplinar de aperfeiçoamento na concepção de mundo e na formação de sujeitos sociais orgânicos tomando a partir da escola o trabalho educativo com as línguas e o próprio trabalho manual como princípio de vidas dos sujeitos sociais que buscamos.

O capítulo I discorre sobre a metodologia empregada nesta pesquisa, a partir de Creswel (2010) e Gerhardt e Oliveira (2009), sendo apresentada a caracterização metodológica da pesquisa qualitativa etnográfica, e ainda, são destacados a população e a amostra escolhida para estudo, bem como os instrumentos e procedimentos de coleta e análise de dados.

O capítulo II é composto pela base teórica que fundamentou esta pesquisa, de maneira que a cultura, identidade e linguagem da comunidade kalunga do Vão de Almas é colocada em ênfase, sendo também evidenciados alguns aspectos pertinentes ao letramento, ao estudo de língua portuguesa nas escolas, à variação linguística e à Educação do Campo, fazendo-se necessário estabelecer uma discussão em torno da influência da escola no processo de uma formação pautada no respeito ao outro e às diferenças linguísticas.

O capítulo III apresenta os resultados e as discussões evidenciadas a partir da pesquisa e atividades realizadas junto a alunos e professores da escola Santo Antônio, no Vão de Almas.

CAPÍTULO I: MÉTODOS E MATERIAL

Este capítulo descreve a caracterização da pesquisa qualitativa etnográfica empregada neste estudo junto a professores e alunos no estudo da variação linguística no contexto da Escola Santo Antônio, na comunidade Kalunga Vão de Almas. Além disso, serão abordados neste capítulo o contexto de pesquisa, seus objetivos, as perguntas de pesquisas e as pessoas colaboradoras de acordo com o perfil de cada pesquisado.

1.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa se dá a partir do momento em que observei as conversas das pessoas da comunidade Kalunga Vão de Almas, sobretudo dos alunos da escola onde encontro-me inserida, a qual foi abordada anteriormente na justificativa deste trabalho. Em minha atuação docente percebi as diversas variações linguísticas presentes na escola e na comunidade Vão de Almas, e de alguma forma essas observações despertaram o interesse de pesquisar e registrar as variações linguísticas na Escola Estadual Calunga I. Dessa maneira, foi a partir da curiosidade de entender mais a respeito da variação linguística, e compreender o que pode estar afetando a singularidade da cultura oral quilombola que aos poucos vem se perdendo. Para isso, foi feita uma pesquisa qualitativa, que se iniciou por conversas informais com alunos e comunidade local, logo após tivemos a aplicação das perguntas do roteiro de entrevistas e a realização de ações de leitura e escrita com a intencionalidade de obter as informações necessárias para as análises do problema.

A metodologia desta pesquisa está fundamentada no trabalho de Gil (2010), Gerhardt e Oliveira (2009) e Creswell (2010) por tratar de uma pesquisa qualitativa etnográfica. Segundo Gil (2010, p.15), “a pesquisa etnográfica tem origem na antropologia” e vem sendo utilizada como método e elemento para descrever a tradição cultural de uma comunidade tradicional mediante informações e trabalho de campo, defende-a ainda como estudo das pessoas em seus ambientes originalmente naturais. Com base nessas informações, utilizamos nesta pesquisa procedimentos com aspectos metodológicos que são: entrevistas com anotações e gravação de vozes, com os recursos tecnológicos.

Já Creswell (2010), com toda sua contribuição, afirma que os pesquisadores qualitativos coletam pessoalmente os dados por meio de exame de documentos, de observação do comportamento ou de entrevista com os participantes. Eles podem utilizar um protocolo-instrumento para a coleta dos dados, mas são eles próprios que coletam as informações.

O fundamento e o levantamento qualitativo caracterizado pela pesquisa etnográfica de Gil (2010) têm como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos de coletas de dados como: entrevistas em profundidade e observação do ambiente de pesquisa e seus participantes. É o método por excelência da antropologia, que, como disciplina holística, volta-se para o estudo das múltiplas manifestações de uma comunidade ao longo do tempo e do espaço (GIL, 2010).

Diante desta concepção, descrevemos a comunidade, falando de suas características, do seu contexto social, analisamos ainda o perfil dos educandos participantes da pesquisa para melhor compreender as variações que existem na fala de cada um deles observando principalmente sua historicidade naquela escola.

Portanto utilizamos também a pesquisa qualitativa que, segundo Creswell (2010) é um método interpretativo das pessoas observadas. Neste sentido, nós pesquisadores nos tornamos uma peça fundamental por buscarmos os dados coletados, analisarmos, interpretarmos e entendê-los respeitando o ambiente em que esses sujeitos estão inseridos, isto é, o grupo entrevistado e seu meio biótico.

1.2 População

A Escola Estadual Kalunga I, situada na comunidade Vão de Almas, fica aproximadamente há 80 quilômetros de Cavalcante-GO. É uma escola adentrada num lugar rico em suas biodiversidades naturais, que abriga hoje quase quatrocentas famílias, as mesmas são remanescentes de quilombolas e ainda hoje, vivem meio que isoladas, pois o município não oferece recursos para melhoria daquele lugar, deixando a comunidade esquecida.

Ressaltamos que, essa comunidade é um tanto extensa, possui seis escolas, onde duas atendem a rede Estadual e municipal com Ensino Fundamental completo e as outras quatro apenas a rede municipal oferecendo somente a primeira fase do ensino fundamental (1º ao 5º ano).

Vale lembrar que, a escola na qual estou inserida e realizei este trabalho é uma das que atende as duas redes de ensino (municipal e estadual) e possui o maior número de alunos entre todas elas, bem como oferece o Ensino Fundamental completo. Sendo assim, participaram desta pesquisa seis alunos, um do sexo masculino e cinco do sexo feminino, estes estão na faixa etária de 11 a 16 anos de idade, e estudam no ensino regular de 6º ao 9º ano (2ª fase EF). É relevante frisar que estes alunos selecionados representam a população de 45 sujeitos que estudam no período vespertino na segunda fase do ensino fundamental.

Foram selecionadas duas professoras da respectiva escola que ministram aulas para alunos das turmas do 6º ao 9º ano desse nível escolar, sendo essas representantes de 10 professores que exercem atividade docente nesta unidade de ensino.

1.3 Amostra

Dando continuidade ao que frisamos anteriormente, para a realização desta pesquisa dentro do contexto da comunidade Kalunga Vão de Almas, delimitamos uma quantidade de jovens para participar deste estudo analítico, sendo seis o número de alunos, sendo cada um deles pertencentes a uma turma da escola local, havendo um número maior de meninas que estavam aptas para participar do trabalho do que de meninos, sendo todos os participantes da mesma comunidade e unidade escolar, porém com idades e escolaridade diferentes. No âmbito do professorado, tivemos apenas duas professoras que se prontificaram em participar deste levantamento.

Entretanto, esta escolha foi feita aleatoriamente, sendo relevante frisar que a escolha aleatória de acordo com Tronchin (2005) se dá por conveniência ou convivência, de modo que o pesquisador seleciona os elementos mais acessíveis e intencionais utilizando seus próprios meios de escolha, considerando também a disponibilidade dos participantes para colaborarem com o trabalho. Sendo assim, buscamos primeiro por meio de diálogo com as turmas apresentar as questões de pesquisa a fim de deixá-los a par sobre o assunto antes de se apresentarem voluntariamente.

1.4 Instrumentos de coleta dos dados

Para que possamos identificar e registrar melhor os tipos de variações lingüísticas no modo de falas e escritas dos alunos da escola Estadual Kalunga I - Extensão Santo Antônio, adotamos como procedentes da pesquisa alguns instrumentos como: roteiro de entrevista, gravador de voz e celular, etc.

A partir de Gil (2010), que trata da etnografia como propósito de estudos das pessoas em seu próprio ambiente, temos neste trabalho o propósito de utilizar dos procedimentos citados anteriormente e ainda a observação contínua mediante o tempo de realização das atividades com os participantes em seu lugar de estudo, trabalho e vivência. Portanto, o trabalho se volta para o estudo das múltiplas relações e manifestações de uma comunidade ao longo do tempo e do espaço.

Os trabalhos com ditado, leitura textual, e produções de textos também constituem-se como partes dessa investigação junto aos participantes, havendo o procedimento de análise dos registros de forma aprofundada, dando-se vazão à criticidade no processo dessa variação de língua.

No processo de coleta dos dados, foi necessário o deslocamento até a casa dos estudantes colaboradores para esclarecer o motivo da visita, o objetivo da pesquisa, e para pedir a autorização dos pais dos alunos para que se pudesse realizar e utilizar as gravações de vozes para melhor analisar e identificar as variações na fala de cada um no procedimento de transcrições das falas. As atividades foram realizadas com este alunos e também com os professores selecionados numa sala disponibilizada na Escola Santo Antônio no período vespertino ainda no mês de agosto de 2015.

1.5 Procedimentos para a coleta dos dados

Na data programada a atividade foi realizada na própria sala de aula com os colaboradores da pesquisa, a saber, os alunos das diferentes turmas e as professoras.

Antes de tudo foi realizado um diálogo aberto para que cada participante se sentisse a vontade, e não tivesse nenhum constrangimento. Houve em seguida a apresentação dos recursos metodológicos a serem trabalhados na coleta de dados, a saber, o roteiro de entrevistas, o ditado, o texto para leitura e a produção textual.

Para a coleta dos dados foi aplicado um roteiro de entrevistas com questões pré-elaboradas aos seis alunos e as duas professoras participantes. No intuito de explorar a escrita dos participantes e ao mesmo tempo deixá-los livres para expressar

suas opiniões, leu-se pausadamente cada questão, dando um prazo de dez minutos para responderem a cada uma das perguntas a próprio punho.

Em seguida trabalhamos a leitura de um texto, tendo-se o apoio de um gravador de voz, logo após houve o repasse de um ditado e também de uma produção textual livre para explorar a escrita dos colaboradores, sendo os trabalhos coordenados por mim, a pesquisadora.

1.6 Análise dos dados

Os dados da pesquisa foram analisados posteriormente ao ato de encerramento da mesma e de acordo com os conteúdos recolhidos nas entrevistas, nas respostas dos roteiros, na leitura, ditado e na produção textual.

Houve a transcrição do roteiro e análise discursiva das expressões de todos entrevistados. Quanto aos demais recursos de coleta aplicados, no momento de se fazer o relatório final, optou-se por transcrever e analisar os textos de três dos educandos, especialmente porque estes representam ideias e variações muito parecidas com as outras três que foram a princípio descartadas.

Na análise da leitura se fez a observação das falas dos alunos através das gravações via gravador de voz, os demais dados foram observados a partir da escrita no papel.

CAPÍTULO II: BASES TEÓRICAS

Este capítulo aborda sobre a identidade e cultura quilombola Kalunga, sobre os aspectos que giram em torno das variações linguísticas, sobre os letramentos, a forma de ensino de língua portuguesa e influência da educação do campo na luta pelo respeito às diferenças culturais e linguística.

2.1 Identidade e Cultura do Povo Kalunga

No que tange ao povo Kalunga, devemos sempre considerar a singularidade em relação à identidade e à cultura que constitui esse grupo social. Conforme Paré, Oliveira e Velloso (2007) devido ao fato de que o negro foi colocado à margem da sociedade durante a formação histórica do Brasil, o processo de inserção e valorização de seus saberes e de suas demonstrações culturais somente veio a ocorrer de forma tardia.

Contudo, a percepção da grandeza dos conhecimentos que podem ser adquiridos através dessa diversidade cultural negra, tem trazido significações históricas e sociais que ressaltam a beleza identitária que constitui as práticas sociais do povo quilombola (UNGARELLI, 2009).

Para Santos (2006) o estudo sobre a cultura dos grupos humanos diversos é extremamente relevante para entendermos os caminhos ou passos seguidos pelos homens para chegarem às relações do presente e do futuro, sendo notável considerar que, conflitos e proximidades marcaram muitas conquistas entre pessoas de diferentes esferas da vida social, e que tais fatos precisam ser pesquisados e entendidos, inclusive no cenário da educação.

Cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida a seu idioma. A lista pode ser ampliada (SANTOS, 2006, p.22).

A percepção de cultura por Santos (2006) acaba por ser bastante ampliada, de forma que este termina por dar exemplos de práticas sociais que podem representá-la, entre tais manifestações muitas que se relacionam com a cultura do povo Kalunga.

Outra concepção vista em Santos (2006) que gira em torno do que vem a ser cultura relaciona-se com o englobamento de toda a realidade social, de forma que este termo é colocado como sendo tudo que acaba por caracterizar a existência de um povo na sociedade em nível grupal.

Para Ferreira (2012) quando tratamos dos quilombolas estamos trazendo de volta a história brasileira, sendo importante entender que, o próprio termo quilombolas é uma inovação adotada pelos colonizadores portugueses para designar o conjunto de homens e mulheres negros africanos rebeldes ou fujões, distorcendo assim o significado banto do termo “*Kilombó*” que na África era utilizado para designar os sujeitos guerreiros.

Conforme Rabelo (2015) a cultura e identidade do povo negro africano foram sendo retalhadas especialmente a partir do processo de escravidão no Brasil, em que o preconceito acabou por delimitar e defender o que seria bom e o que seria mau no universo dos valores sociais. Dessa forma, criou-se uma inferiorização em relação a tudo que se dirigia à cultura e à identidade do negro, entre esses, a cor, a culinária, a dança, as festas, as vestimentas, o modo de falar e expressar e entre outros elementos que reforçavam as características africanas (RABELO, 2015).

No atual contexto do município de Cavalcante-Goiás, onde encontra-se inserida a Escola Santo Antônio, observa-se que a cultura quilombola Kalunga tem superado os limites impostos pela opressão social e pelos anos de luta, sendo que a expressão oral e cultural subsistem.

2.2 Aspectos das Variações Linguísticas

Segundo Bagno (2007) o estudo das variações linguísticas ajuda na compreensão do fenômeno relacionado à mudança linguística, a qual ocorre de forma temporal e local. Dessa maneira é relevante que, os livros didáticos não deixem de abordar o fato de que a língua encontra-se em constante transformação, fazendo-se jus que os educandos conheçam não somente as mudanças no vocabulário, mas também àquelas que estão ligadas à gramática.

Para Bagno (2007) os sujeitos que se prendem a tradição escrita acabam por terem a ilusão de que a língua portuguesa é homogênea, nesse sentido, muitos preservam a ideia de que a língua certa é aquela que segue as regras e normas padrões oficiais da escrita, de forma que o que passa disso termina por ser tratado

como um erro a ser corrigido. Porém esse pensar é contraditório ao que analisam os estudos sociolingüísticos que acreditam numa língua heterogênea, variável e instável, ou seja, que encontra-se em constante construção social.

Justamente pelo caráter heterogêneo, instável e mutante das línguas humanas, a grande maioria das pessoas acha muito mais confortável e tranquilizador pensar na língua como algo que já terminou de se construir, como uma ponte firme e sólida, por onde a gente pode caminhar sem medo de cair e de se afogar na correnteza vertiginosa que corre lá embaixo. Mas essa ponte não é feita de concreto, é feita de abstrato... O real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar [...] (BAGNO, 2007, p.36).

O que Bagno (2007) apresenta na citação acima contribui para refletirmos um pouco mais no caráter heterogêneo que está inserido no contexto da língua, de forma que é possível entendermos que esta não é estática, mas sofre contínuas influências dos processos sociais e das transformações em torno da história e cultura de um povo.

Na visão de Bagno (2007) a variação linguística está sempre relacionada ao fato de que a língua é heterogênea, e encontra-se em permanente estado de mudança, sendo que isso acontece em diferentes níveis:

- Variação fonético-fonológica** – pense em quantas pronúncias você conhece para o R da palavra PORTA no português brasileiro;
- Variação morfológica** – as formas PEGAJOSO e PEGUENTO exibem sufixos diferentes para expressar a mesma ideia;
- Variação sintática** – nas frases UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL / UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL DELA / UMA HISTÓRIA CUJO FINAL NINGUÉM PREVÊ, o sentido geral é o mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes;
- Variação semântica** – a palavra VEXAME pode significar “vergonha” ou “pressa”, dependendo da origem regional do falante;
- Variação lexical** – as palavras MIJO, XIXI E URINA se referem todas à mesma coisa;
- Variação estilístico-pragmática** – os enunciados QUEIRAM SE SENTAR, POR FAVOR e VAMO SENTANO AÍ, GALERA correspondem a situações diferentes de interação social, marcadas pelo grau maior ou menor de formalidade do ambiente e intimidade entre os interlocutores, e podem inclusive ser pronunciados pelo mesmo indivíduo em situações de interação diferentes (BAGNO, 2007, p.39-40).

Essas formas de variação linguística apresentadas por Bagno (2007) esclarecem bem situações práticas que fazem parte do contexto social comunicativo brasileiro, e que na perspectiva sociolinguística acaba por demonstrar a heterogeneidade da língua portuguesa, que precisa ser entendida e respeitada nas interações sociais realizadas por cada um de nós em diferentes contextos.

É relevante frisarmos a presença da inteligência comunicativa, que conforme Bortoni-Ricardo (2009) termina por representar a capacidade que os falantes têm de expressarem suas falas de acordo o ambiente e as situações cotidianas exigem.

Dessa forma, podemos entender que no processo de inteligência comunicativa, o falante termina por empregar diferentes variações linguísticas, podendo ser de natureza sintática, lexical, semântica, fonético-fonológica, entre outras, sendo relevante considerarmos que nessa esfera o que se torna essencial entre os falantes é a compreensão entre ambos do que estão querendo dizer, evitando-se desordem e conflitos em face da linguagem (BAGNO; GUINÉ; STUBBS, 2002).

Conforme Bagno (2007), dentro do estudo sociolinguístico a heterogeneidade da língua é observada de forma ordenada, ou seja, não se prende às regras impositivas das gramáticas normativas, mas termina por ser estruturada e ao mesmo tempo flexível e aberta às mudanças trazidas pelos diferentes contextos linguísticos. Nesse sentido, aquilo que é visto como erro na língua padrão é percebida

Para a compreensão da heterogeneidade ordenada explicada por Bagno (2007) tomemos as palavras “**Raspa**” e “**Rasga**”, que possuem sentidos diferentes na prática social, sendo que na primeira o som do S na pronúncia é evidente, devido ao fato de que esta consoante antecede outra consoante surda (P). Já na segunda palavra o S tem o som de Z, especialmente porque este antecede uma consoante sonora (G).

Essas observações de Bagno (2007) esclarecem que no contexto da variação linguística também se estuda aspectos pertinentes à fonética das palavras que são expressos na escrita padrão, sendo relevante a compreensão desses fatores antes mesmo de partir para a análise das falas dos falantes em face de sexo, região, status socioeconômico, idade, grau de escolaridade entre outros.

Conforme Bagno (2007) as diferenças de palavras como “Raspa” e “Rasga” podem ser observadas por qualquer falante, porém o que pode chamar a atenção é a forma de pronunciar o S por pessoas de diferentes locais no Brasil. Especialmente ao aparecer durante a fala o S chiado, caracteristicamente pronunciado por pessoas provenientes de Estados como: Rio de Janeiro, Pará, Nordeste em geral, algumas partes de Santa Catarina e Mato Grosso.

A heterogeneidade ordenada nos casos variáveis que dizem respeito à concordância nominal são bastante evidentes nos discursos de falantes em vários contextos da vida social, desde os menos escolarizados até aqueles com o mais alto

nível de escolarização, como exemplo podemos observar essas frases que se seguem apontadas por Bagno (2007, p.42): “a) Aquelas casinha amarelinha; b) Aquela casinhas amarelinha; c) Aquela casinha amarelinhas”.

Com base na heterogeneidade linguística ordenada, entendemos que, das três frases apresentadas, apenas a frase do marcador a (aquelas casinha amarelinha) encaixa-se na fala dos brasileiros, sendo as demais construções incabíveis, mesmo nos discursos espontâneos da vida cotidiana em diferentes localidades nacionais. Dessa forma, os falantes acabam seguindo regras no momento de expressarem a frase na fala, assim, estabelecem que se deve acontecer o emprego do plural que este ocorra apenas no primeiro termo do sintagma (BAGNO, 2007).

Na esfera de estudo da variação linguística os fatores extralinguísticos são observados como elementos que possuem direta relação essa heterogeneidade da língua brasileira, assim sendo Bagno (2007) aponta os seguintes aspectos:

ORIGEM GEOGRÁFICA: a língua varia de um lugar para o outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado, etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa;

STATUS SOCIOECONÔMICO: as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;

GRAU DE ESCOLARIDADE: o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos; (BAGNO, 2007, p.43).

É importante entendermos que, o grau de escolaridade e o status socioeconômico dos falantes têm sido observados pelos estudos sociolinguísticos como fatores de maior impacto não só na questão da variação linguística, mas também na vida social dos brasileiros, nesse sentido, existe uma forte relação entre o nível de escolaridade e a ascensão social dos sujeitos. E ainda, na percepção de Bagno (2007), no Brasil prevalece a situação de que quanto maior é a renda econômica do falante ou de sua família, maior chance este tem de obter um ensino de qualidade e ocupar conseqüentemente cargos de melhor remuneração no mercado de trabalho. Em detrimento disso, os cidadãos de menor poder aquisitivo podem se vir em desvantagem em muitas etapas do processo de escolarização, de forma que

acabam por enfrentarem inúmeras dificuldades até chegarem a um momento de progresso e sucesso escolar e profissional em suas vidas.

A idade, o sexo, e as influências do mercado de trabalho e das redes sociais também se encontram entre os fatores extralinguísticos observados por Bagno (2007):

IDADE: os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;
SEXO: homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;

MERCADO DE TRABALHO: o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmos recursos de um cortador de cana;

REDES SOCIAIS: cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico (BAGNO, 2007, p.43-44).

Esses quatro aspectos também nos ajudam a perceber dentro do estudo de variação linguística as diferentes realidades que estão inseridas no uso da língua em nosso País. Assim, ao trabalharmos com este tema no contexto da Escola Santo Antônio, no Vão de Almas, é extremamente conveniente que entendamos as variáveis que podem estar relacionadas às manifestações de heterogeneidade da língua nessa comunidade quilombola.

2.3 O Letramento

Conforme Bagno, Gagné e Stubbs (2002), ressaltam a necessidade que um novo conceito em torno do estudo na língua nas escolas seja introduzido na área de linguística aplicada, dessa maneira eles apontam que o conceito de letramento precisa urgentemente fazer parte desse contexto de ensino e socialização dos sujeitos.

Para Soares (1999, p.3) *apud* Bagno, Gagné e Stubbs (2002, p.52), o termo letramento pode ser definido da seguinte maneira:

Estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral [...].

Dessa maneira, podemos compreender que, o letramento termina por ser uma prática social que abrange diferentes públicos de pessoas, sendo que, este não se restringe ao simples ato de ler ou escrever, mas também aos usos diversos que a

sociedade faz da escrita e da leitura, podendo isto ser de utilidade de sujeitos alfabetizados ou não alfabetizados.

Para Soares (1998) *apud* Bagno, Gagné e Stubbs (2002) o conceito de letramento como prática social explícita:

A ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 1998, p.17 *apud* BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2002, p.52)

Essa percepção acima termina por complementar o que frisamos anteriormente sobre a abrangência dos públicos que fazem uso da escrita no cotidiano, sendo que nessa esfera pode acontecer um processo de transmissão de saberes oriundos da escrita e leitura por parte de alfabetizados aos não alfabetizados, de forma que estes últimos podem utilizar esses conhecimentos para as atividades rotineiras, tais como: compras, vendas, demonstrações culturais, etc.

Para Bagno, Gagné e Stubbs (2002), é preciso que no ensino da língua, haja a contínua busca para que o educando possa atingir um grau elevado de letramento, de forma que este possa estabelecer constante relação entre o que está aprendendo por meio da escrita e da leitura com aquilo que vivencia em sua vida social.

2.4 O Ensino de Língua Portuguesa

De acordo com Soares (1998) *apud* Bagno, Gagné e Stubbs (2002) por muitas vezes o ensino de língua portuguesa no Brasil restringe-se ao simples ato de ensinar ler e escrever, de maneira que, apenas os aspectos gramaticais são evidenciados, ao passo que os aspectos de interação social que também fazem parte do contexto linguístico da sociedade são ignorados.

Para Bagno, Gagné e Stubbs (2002) consideram a partir de Soares (1998) que o ensino de língua portuguesa precisa ir mais além do que o simples ato da ministração de aula mecanicista que conduz os educandos a prática de exercícios classificatórios e de velhos decorebas que pouco contribuem para a formação crítica e embasada no respeito às diferenças linguísticas do outro.

Na visão desses autores para o ensino de português o educador necessita aprimorar sua prática metodológica, de maneira que o conteúdo estudado seja complementado pela leitura de materiais variados tais como: jornais, revistas, artigos literários e entre outras produções, de maneira que o educando seja conduzido a explorar a diversidade textual advinda de narrativas e situações distintas que sirvam para a compreensão do cotidiano no qual este vive.

Segundo Antunes (2003), afirma que numa análise cuidadosa em relação a estudo de língua portuguesa desde o ensino fundamental demonstra que, o estudo da palavra ainda encontra-se bastante reduzido e descontextualizado, isso porque não é repassado a essência do aprender e do construir por intermédio desta disciplina. Ao contrário disso, observa-se a falta de renovação do processo de instrução, permanecendo um modelo bastante arcaico, que lida apenas com a objetividade da língua, de forma que isso termina por prejudicar e desmotivar o aluno que se vê confrontado pelo fato de lidar com algo novo que não domina (ANTUNES, 2003).

Conforme Bagno, Gagné e Stubbs (2002), em se tratando do ensino de língua portuguesa é necessário que as escolas se fortaleçam no trabalho com a diversidade de letramentos e conseqüentemente com o estudo dos gêneros textuais.

O ensino tradicional nunca levou em conta a infinita variedade dos gêneros textuais existentes na vida social, limitando-se a abordar somente os gêneros escritos – o conto, o romance, às vezes a crônica, raramente a poesia -, e desprezando quase completamente o estudo dos gêneros textuais característicos das práticas orais, sobretudo por causa do milenar preconceito contra a língua falada, tradicionalmente considerada “caótica” e “sem gramática” (BAGNO, STUBBS, GAGNÉ, 2002, p.55).

Dessa forma, os autores evidenciam que, no contexto formativo dos educandos a instituição escolar acaba por dar maior ênfase às construções escritas, desprezando conseqüentemente os letramentos advindos da linguagem oral.

É importante considerar que, a valorização dos gêneros textuais construídos a partir da oralidade estão relacionados com o processo de ampliação do conceito de letramento, de maneira que, quanto mais se abre espaço para gêneros não oficiais, mais se cria meios para fortalecer a diversidade no ensino da língua.

Os objetivos do ensino da língua portuguesa devem pautar-se nos seguintes pontos:

[1] Promover práticas de oralidade e de escrita de forma integrada, levando os alunos a identificar as relações entre oralidade e escrita.

[2] Desenvolver as habilidades de uso da língua escrita em situações discursivas em que haja: - motivação e objetivo para ler textos de diferentes

tipos e gêneros e com diferentes funções; - motivação e objetivo para ler textos de diferentes tipos e gêneros para diferentes interlocutores, em diferentes situações de produção.

[3] Desenvolver as habilidades de produzir e ouvir textos orais de diferentes gêneros e com diferentes funções conforme os interlocutores os seus objetivos, a natureza do assunto sobre o qual falam ou escrevem o contexto, as condições de produção do texto oral ou escrito.

[4] Criar situações em que os alunos tenham oportunidades de refletir sobre os textos que lêem, escrevem, falam ou ouvem, intuindo, de forma contextualizada a gramática da língua, as características de cada gênero e tipo de texto, o efeito das condições de produção do discurso na construção do texto e do seu sentido.

[5] Desenvolver as habilidades de integração oral e escrita em função e a partir do grau de letramento que o aluno traz para o seu grupo familiar e cultural, uma vez que há uma grande diversidade nas práticas de oralidade e no grau de letramento entre os grupos sociais a que os alunos pertencem – diversidade na natureza das interações orais e na maior ou menor presença de prática de leitura e de escrita no cotidiano familiar e cultural dos alunos (SOARES, 1999, p.4-5 *apud* BAGNO; GAGNÉ; STUBBS, 2002, p.56-57).

As descrições dos autores ajudam a entender que o docente precisa criar um espaço educativo de língua portuguesa que intensifique atividades de produção textual que oportunizem tanto a escrita quanto a fala no processo formativo do educando.

Segundo Bagno, Gagné e Stubbs (2002, p.99), algumas questões foram levantadas em torno do fracasso escolar e o ensino da língua portuguesa, especialmente por se ver as diferenças na evolução de aprendizado entre alunos de classe social média e alunos de classe social operária, entendendo-se que essa diferença pode se dar pelos seguintes motivos: “a língua da criança (e do seu lar), a língua da escola e o êxito ou fracasso escolar da criança”.

A partir desses autores podemos elencar que, uma visão de preconceito em face das diferenças linguísticas passou a ser construída no próprio espaço escolar, sendo isso por vezes alimentado por meio da escrita dos livros que fortaleceram em muito a ideia de homogeneidade da língua, negando as construções informais trazidas pelo contato social.

2.5 A Influência da Educação do Campo no Ensino de Língua Portuguesa Embasado no Respeito às Diferenças Linguísticas

Em se tratando de respeito às diferenças linguísticas a partir do ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras, não podemos deixar de considerar que, a educação do campo é um programa essencial nesse processo de formação e construção de um aprendizado mais integrador. Visto que, na atuação profissional o

docente lida constantemente com a diversidade da língua, especialmente no que tange à interação entre a linguagem culta ensinada nas aulas de gramática e o cotidiano demonstrado nas falas dos educandos e da comunidade rural.

Conforme Molina (2010), a educação direcionada aos sujeitos do campo, foi deixada em segundo plano pelo governo brasileiro pelo menos até meados do século XX, contudo, movimentos sociais em busca da introdução dos camponeses no cenário dos direitos à cidadania na fase da industrialização nacional fez com que muitas conquistas ocorressem em torno do acesso ao ensino e à qualificação profissional do homem do campo.

A produção intelectual sobre Educação Popular nos anos de 1970 e de 1980 é fundamental como fomentadora do debate e de alimento para os Movimentos Sociais que resistem e forjam ações políticas nas suas bases. No início da década de 1980, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) organiza trabalhadores rurais com a bandeira da Reforma Agrária e da educação diferenciada do campo (MOLINA, 2010, p.45).

A partir do que afirma Molina (2010), logo acima, percebemos que, ainda nos anos 80 começa a surgir a ideia de ênfase da diversidade no processo de ensino dos moradores do campo, fazendo-se preciso a consideração da singularidade que estes possuem em suas práticas sociais diárias, isso em relação, por exemplo, à cultura, à linguagem e ao modo em que vivem na comunidade.

Conforme Molina (2010) os quilombolas são sujeitos da Educação do Campo que foram subestimados dentro do processo de capital que priorizou os sujeitos e a cultura urbana em detrimentos desses trabalhadores. De certa maneira, não se pode excluir os cidadãos, inclusive no que tange ao processo formativo e a valorização cultural, assim sendo, devemos compreender que tanto os sujeitos da cidade quanto os sujeitos do campo possuem suas subjetividades que devem ser respeitadas e reconsideradas na formação política e história do Brasil.

Para Oliveira e Campos (2012) a Educação do Campo é um espaço de para garantir a igualdade de direito ao ensino, visto que através desta a singularidade do sujeito do campo acaba sendo avaliada na ministração das aulas. De maneira ainda que, a sua linguagem, o modo de viver e demais elementos típicos de sua cultura são levados para a sala de aula como forma de formação de novos conhecimentos e de enriquecimento da diversidade no ensino, e não como aspectos relacionados a estigmas sociais e exclusão como acontecia a alguns anos no cenário da educação nacional ou ainda persiste em escolas tradicionais e arbitrárias (MOLINA, 2010).

Ao tratarmos de respeito às diferenças linguísticas não podemos excluir a percepção da heterogeneidade da língua difundido por Bagno (2007), sendo preciso a compreensão de que estamos num País repleto de diversidade cultural. Nesse propósito, a escola do campo através de seus docentes deve buscar construir nos alunos e na comunidade onde está inserida as convicções de superação dos preconceitos alimentados numa sociedade onde predomina os parâmetros eruditas da fala.

CAPÍTULO III: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo é um relato da pesquisa realizada com professores e alunos da Escola Santo Antônio, no Vão de Almas. Iremos apresentar a compreensão de cada um dos participantes com respeito à variação linguística, e ainda, focaremos em analisar as atividades trabalhadas com os educandos, levando-se em conta as bases teóricas estudadas.

3.1 Relatos dos Professores sobre Variações Linguísticas

Foram feitas cinco perguntas para dois professores que ministram aulas na Escola Santo Antônio, no Vão de Almas, e nos tópicos seguintes iremos discutir sobre os seus posicionamentos em relação a cada questão apresentada durante a pesquisa etnográfica.

Ao ser feita a primeira pergunta (Você ministra aulas para quais turmas na escola onde trabalha?) as professoras pesquisadas disseram que:

-Como professora ministro aulas para o pré (1º e 2º ano), para a rede municipal na Escola Córrego da Serra, e ministro aulas para as séries do 6º, 7º, 8º e 9º ano pela rede estadual na Escola Estadual Calunga 1 ,extensão, Santo Antônio (**Professora A, ensino superior incompleto**).

-Sou professora na Escola Santo Antônio, e tenho como principais turmas o 6º e 7º ano nas aulas de língua portuguesa e geografia (**Professora B, ensino superior completo**).

Confirmamos a partir das posições das educadoras que estas fazem parte do público de professores que estão à frente do trabalho com alunos do ensino fundamental na extensão da Escola Santo Antônio, e com isso, neste estudo acreditamos que essas possuem conhecimento de causa no que tange ao tema apresentado.

Para a segunda pergunta (Quanto ao tema em estudo, você sabe o que é variação linguística? Justifique) as educadoras se posicionaram assim:

-Sim, é a forma ou jeito em que as pessoas falam concretizando o som e a maneira certa ou errada da sua tonicidade de se expor como, por exemplo, a pessoa que fala espanhol pode falar parecido com o português, mas existem muitas diferenças entre essas línguas (**Professora A**).

-Sim. Eu compreendo que a variação linguística significa a diversidade da língua, especialmente num mesmo contexto social, como é o caso de nosso

Brasil, onde as pessoas falam com sotaques diferentes, além de ter a variação entre a linguagem culta e informal (**Professora B**).

Observa-se que, a professora A possui em parte um posicionamento muito parecido com aquele que é criticado por Bagno (2007), de forma que percebemos que esta alimenta a ideia de erro no modo de falar e escrever. Apesar disso, ambas as professoras conseguem esclarecer ao seu modo a compreensão do que vem a ser variação linguística, trazendo reflexões que demonstram o entendimento da relação do termo com a diversidade da língua, assim como Bagno (2007) representa em seus trabalhos.

No que toca a terceira pergunta (Você considera que nas turmas onde trabalha há variação linguística? E na comunidade? Justifique) tivemos esses apontamentos:

-Sim, existe nas turmas. e na comunidade também. Nas turmas alguns alunos ainda herdam a linguagem familiar onde as pessoas mais velhas falam em alguns aspectos errado e já os jovens não falam (**Professora A**).

-Com certeza. Especialmente observo que essa variação está entre o culto e o informal, entre o rural e o urbano, sendo que os estudantes carregam consigo uma vasta cultura linguística familiar. Afinal, o povo Kalunga tem uma linguagem, muito singular (**Professora B**).

As educadoras trazem a convicção de que de fato nas turmas onde trabalham existe a variação linguística, e de certa maneira acabam dialogando com Bagno (2007) quando refletem sobre as influências sociais ou familiares no modo de falar dos alunos, além da faixa etária e etc. Inclusive existe a observação de que o tempo e as interações com outros meios como a educação formal causa a alteração no modo de falar principalmente dos mais jovens, que falam de forma diferente dos mais velhos.

Em relação a quarta pergunta (No seu modo de pensar, existe preconceito em torno do modo de falar dos alunos na escola, na comunidade e na atual realidade de mundo? Justifique) as educadoras disseram que:

-Na escola eu nunca vi, mas na comunidade e no mundo atual já presenciei muito preconceito devido a variação lingüística (**Professora A**).

-É um pouco disfarçado, mas existe. Já observei que alguns educandos criticam uns aos outros em relação a algumas expressões muito próprias do povo Kalunga, havendo correções do tipo: "não fale drumir, é dormir", "Nossa! Ela tá falando entchei em vez de entrei. E mais, na escola é possível ver risos quando a professora fala alguma palavra nova, que pertence à forma culta de expressar, pois muitos alunos acham engraçado ou feio uma palavra não ser do jeito que eles falam. Há professores que também insistem em considerar errado o modo de falar local. Enfim, não só os professores acham isso, mas principalmente este problema é enfrentado quando nos deslocamos para a

zona urbana do município, onde muitos desprezam a cultura e linguagem Kalunga **(Professora B)**.

Conforme as professoras, no ambiente escolar existe um disfarce em relação ao preconceito linguístico, contudo este fenômeno existe na esfera social do Vão de Amas, o que segundo Bortoni-Ricardo (2009) acaba sendo impulsionado pelo repasse da ideia do erro e do choque cultural entre o sujeito urbano e o sujeito rural ao longo da história brasileira.

Em resposta a quinta pergunta (O que você acha que deve ser feito pela escola para que a cultura e a variação linguística sejam valorizadas? Explique) evidenciamos essas colocações por parte das educadoras:

-Deve ser mais trabalhada nas escolas, pois a variação lingüística vem de uma cultura de uns pais ou um povo, onde os educadores devem mostrar vários tipos de educação linguística **(Professora A)**.

-A cultura e a variação linguística são essenciais na escola, pois é através deste local que as noções de respeito às diferenças devem ser fortalecidas. Para essa valorização, especialmente a escola do campo deve promover ações de resgate cultural, atividades que demonstrem que o jeito de falar do povo kalunga é importante e precisa ser mantido e que o que aprendemos na escola é complementar ao que nossas famílias locais nos repassaram **(Professora B)**.

As professoras defendem em seus posicionamentos aspirações parecidas com aquelas que são expressas por Molina (2010) sobre as vertentes que devem ser parte da verdadeira escola que caminha na perspectiva da Educação do Campo, sendo relevante o repasse do valor da cultura e da linguagem, bem como das características próprias dos povos rurais aos educandos que desfrutem também do ensino formal.

3.2 Relatos dos Alunos sobre Variações Linguísticas

Foram feitas cinco perguntas a quatro alunos que frequentam as turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, dessa forma, vamos analisar a seguir o posicionamento destes em relação à temática de variação linguística.

Para a primeira questão (Quanto ao tema em estudo, você sabe o que é variação linguística? Justifique) os educandos pontuaram o seguinte:

-Variação linguística é a pessoa falar errado e escrever, é o modo que muitos meus amigos e amigas falam e escrevem errado, é a forma de falar de cada comunidade ou região **(Estudante 1, 11 anos, 6º ano)**.

- Sim. Variação linguística é o modo de cada comunidade ou pessoa falar **(Estudante 2, 12 anos, 7º ano)**.
- É o tipo ou a forma diferente de falar **(Estudante 3, 14 anos, 8º ano)**.
- Sim. Variação linguística é o modo de cada comunidade ou pessoa falar **(Estudante 4, 13 anos, 8º ano)**.
- Sim. É o modo que cada pessoa, comunidade ou região fala devido suas culturas. **(Estudante 5, 15 anos, 9º ano)**
- É o jeito de falar, e de escrever **(Estudante, 15 anos, 9º ano)**.

Os educandos das diferentes períodos do ensino fundamental tiveram um posicionamento semelhante, reconhecendo a variação linguística com aspecto direcionado a diversidade do modo de falar e até mesmo de escrever tal qual considera Bagno (2007) em relação ao contexto em que e insere este termo.

Em relação a segunda questão (Você considera que na turma onde você estuda há variação linguística? E na comunidade? Justifique, dê exemplos) tivemos estes posicionamentos:

- Sim. Na turma que eu estudo a muitas variações linguísticas, falamos errado (diferente) **(Estudante 1)**.
- Sim. Que alguns menino fala certo e outros errado. Exemplo : deicha, trupequi ocê, tumate, levanti, faculadadi **(Estudante 2)**.
- Na minha não, mais em outras sim. Na comunidade também, pois nem todo mundo conversa igual, há sempre uma variação na língua (ex: variação traidas de decedentes de kalungas ou de outras povos **(Estudante 3)**.
- Sim. Que alguns menino fala certo e outros falam errado.exemplo:deicha, ocê, tumate, levanti, faculidade **(Estudante 4)**.
- Sim. Tanto na escola quanto na comunidade existem muitas variações .ex: na troca de letras ou no aumento delas – fali, cumi, espirital, chori , faculidade entre outras **(Estudante 5)**.
- Existe sim na comunidade também o jeito de falar como , oce nós vai **(Estudante 6)**..

Nessa segunda pergunta observamos que há alunos que expressam em suas falas a ideia do erro linguístico, que segundo Bagno (2007) tem a ver com a influência da própria escola, que por tempos apregou a noção do certo e do errado na língua. As expressões dos alunos ajudam a identificar outros aspectos relacionados a gramática normativa, onde estes apresentam problemas em torno de concordância nominal de algumas palavras que escrevem (ex.: alguns menino). Verifica-se também que esses educandos conseguem analisar as variações linguísticas existentes na comunidade onde encontram-se inseridos, havendo a representação ortográfica de como as palavras são faladas pelas pessoas do local, de forma que ocorre a demonstração da presença de variação linguística geográfica (BAGNO, 2007).

Ao ser feita a terceira questão (Você encontra alguma dificuldade para falar ou escrever na língua padrão (Culta)? Quais são essas dificuldades?) os estudantes se posicionaram da seguinte maneira:

- Sim. Quando eu vou falar algumas palavras, por exemplo quando eu vou falar algumas palavras, por exemplo, o nome dormir eu falo drumir, o nome vasilhas eu falo vazias **(Estudante 1)**.
- Não tenho dificuldade. **(Estudante 2)**.
- Não vejo tanto trabalho para escrever e falar **(Estudante 3)**.
- Sim. Trocar uma letra por outra, por exemplo dormir (drumi)ou aumentar uma letra a mais na hora de falar... **(Estudante 4)**.
- Sim. Penso que na hora de formular uma frase acabo tirando o acento, aumento letras ,diminuindo ou trocando uma pela outra(dormir drumi) **(Estudante 5)**.
- Sim, às vezes tenho dificuldade na ortografia correta **((Estudante 6)**.

Nas respostas dos alunos predomina o posicionamento em relação a existência de dificuldade para falar algumas palavras de acordo com a norma padrão da língua. Nesse aspecto percebe-se que, os alunos lidam com o que Bagno (2007) chama de variação estilístico pragmática, em que o indivíduo fala de forma distinta da escrita em momentos que formalidades não são exigidas, o que acontece aos educandos durante o cotidiano de relação com a cultura linguística rural quilombola.

Para a quarta questão (No seu modo de pensar, existe preconceito em torno do modo de falar dos alunos na escola, na comunidade e na atual realidade de mundo? Justifique) os educandos posicionaram-se da seguinte maneira:

- Sim, quando eu falo algum nome errado, por exemplo, em vez de falar bicicleta eu falo bicicreta, mas todo mundo que eu converso já entende o que eu estou disendo **(Estudante 1)**.
- Sim. Porque algumas pessoas ficam com preconceito com as pessoas mais velha ou mais novos que falam errado, e cada pessoa tem o seu costume, e o jeito que seus pais ensinam de acordo com a criação **(Estudante 2)**.
- Muito, pois os próprios professores em determinadas situações, são os primeiros a serem preconceituosos e a agir de maneira preconceituosa, além disso, os próprios colegas de sala que começam a fazer gracinhas com a cara dos colegas (kalunga da roça) **(Estudante 3)**.
- Sim. Porque algumas pessoas ficam com preconceitos com as pessoas mais velha ou mais novos que falam errado e cada pessoa tem seu costume e o seu jeito, que seus pais ensinaram de acordo com a criação **(Estudante 4)**.
- Com certeza, na escola é pouco percebível, mas na comunidade mesmo sabendo que não se tratam de erros muitas pessoas questionam, ri, e até zombam do modo de falar de alguns **(Estudante 5)**.
- Temos que aprender melhor a linguística, mas também preservar nossos costumes **(Estudante 6)**.

Nas falas dos alunos observamos que percepções em torno do preconceito linguístico na escola ou na comunidade são levantadas, deixando-se evidente que a

visão do erro predomina ainda na percepção de muitos no local, o que para Bortoni-Ricardo (2009) termina por ser um desafio para educadores e educandos. Visto que, as concepções linguísticas que primam pela valorização da diversidade da escrita e da fala precisam perpassar essas barreiras culturais históricas que são levadas para o contexto escolar. É relevante frisar que, nas falas dos alunos, é possível identificar variações em torno da escrita padrão, havendo problemas voltados para a concordância nominal, além de ocorrer a variação lexical de palavras (BAGNO, 2007), por exemplo, o termo **cara** para os quilombolas/rurais, é o mesmo que **rosto** em outros lugares ou situações.

Em relação a quinta e última questão (O que você acha que deve ser feito pela escola para que a cultura e a variação linguística do Vão de Almas sejam valorizadas? Explique) tivemos as seguintes colocações:

- Eu acho que as pessoas falar certo com todas as pessoas e dar valor nas coisas que tem na nossa comunidade Vão de Almas kalunga (**Estudante 1**).
- Sim. Eu acho que eles deve trabalhar mais (**Estudante 2**).
- Mais compromisso tanto dos administradores do local, quanto dos próprios professores das escolas ,é preciso que todos façam sua parte e tenham compromisso mais com alunos do que com a escola (**Estudante 3**).
- Sim, eu acho que eles devem trabalhar mais (**Estudante 4**).
- Acredito que falta divulgar mais, trabalhar mais nas escolas com frequência e levar o debate, o problema para dentro da comunidade,envolvendo a todos. (**Estudante 5**).
- Fazer com que o aluno tenha o prazer de aprender e valorizar sua cultura e sua linguística (**Estudante 6**).

Os estudantes avaliam que existe a necessidade de que a escola trabalhe mais em cima da questão da variação linguística no contexto escolar e na comunidade local. Isso é importante por demonstrar que os educandos reconhecem que é preciso uma ação de envolvimento e conscientização a partir da escola. Esse mesmo posicionamento é defendido por Molina (2010) em relação ao papel da Educação do Campo na preservação cultural e no respeito às diferenças próprias dos sujeitos quilombolas que representam em cada traço uma história de luta.

3.3 Análise das Ações com os Alunos do Ensino Fundamental

É possível analisar de acordo com o que nos trazem de dados os estudantes que há uma certa mudança na sua percepção em relação aos modos de fala da comunidade com a linguagem monitorada. Alguns estudantes informam que tem

dificuldade entre a fala e a escrita. Outros apontam que o modo de fala local é uma falar errado. Quanto a este último apontamento, percebemos que há uma certa influência de uma cultura de letramento que desvaloriza e discrimina os letramentos culturais de comunidades tradicionais.

Trabalhar a variação linguística nestes aspectos, nos oportuniza desconstruir uma série de questões que exclui nosso povo apenas pelo modo de fala ou pela língua falada ali. Dentre estes aspectos as ações aqui desenvolvidas nos propiciaram a tomada de um novo caminho dentro da educação escolar com essas crianças.

3.3.1 Avaliação da Leitura

Para análise da leitura dos educandos trabalhamos com uma fábula conhecida como “A raposa e a Cegonha”, fazendo-se o uso de um gravador de voz, com o qual tivemos o propósito de coletar e avaliar posteriormente as falas dos educandos. Foram selecionados trechos da leitura do texto “A raposa e a cegonha” de três dos alunos do Ensino Fundamental da Escola Santo Antônio, conforme dados a seguir:

- Uma rapossa convidou uma cegonha para jantar e só le serviu uma sopa dentro de um prato muito rosso. (Estudante 1, 6º ano)
- Qui pena! – Disse a raposa. – Mia sopa não te agradou! Talvez não estivesse bem cuzida. (Estudante 2, 7º ano)
- A raposa lambia o prato, com facilidade, enquanto que a cegonha só consiguia molar um poco a ponta do bico. Foi se imbora tão faminta quanto chegarra. (Estudante 4, 8º ano)

Durante a leitura observou-se a presença de aspectos relacionados a desvios da grafia padrão das palavras, e questões fonéticas. Por exemplo, à palavra **raposa** é acrescentada durante a oralidade mais uma letra **S**, havendo o emprego de mais fonemas durante a escrita do que a sonorização do termo exige. Essa mesma situação se repete ao verbo no pretérito mais que perfeito **chegara**, sendo acrescentada mais uma letra **R** a mesma. Temos também outros termos que são expressos na leitura de forma bastante relacionada a oralidade praticada no local, e ainda, representa o que para Bagno (2007) pode ser chamada de variação fonético-fonológica, onde trocas ou subtração de fonemas são evidentes, como nos demais casos: rasso (raso), qui (que), talvez (talvez), cuzida (cozida), consiquia (consequia), molar (molhar), poco (pouco), e imbora (embora).

3.3.2 Avaliação da escrita a partir do ditado

O primeiro recurso utilizado para análise da escrita dos educandos foi o ditado, tendo a finalidade de verificar a interferência da linguagem oral na linguagem escrita. Assim são transcritas e analisadas a escrita de trechos do ditado “O pintinho e a pipa” de outros três alunos:

- Debaixo de unha pipa que piga, a 1 pito que pia. **(Estudante 4, 8º ano)**
- Quanto mais a pipa piga, mas o pito pia. **(Estudante 5, 9º ano)**
- Debaixo de unha pipa que pinga, há um pinto que pia. [...] Quanto mais a pipa pinga, mais o pinto pia. **(Estudante 6, 9º ano)**

Na escrita predomina a variação fonético-fonológico, persistindo a troca de fonemas de algumas palavras, especialmente pelos estudantes 4 e 5, que escrevem cometendo a síncope¹, de forma que a consoante nasal N acaba por ser eliminada do meio das palavras pinga e pinto, sendo escritas como piga e pito. E ainda, ocorrem desvios semânticos e classificatórios gramaticais nas palavras unha (substantivo) e mas (conjunção adversativa), que na verdade deveriam ser substituídas pelos termos uma (artigo) e mais (advérbio de intensidade) para que a organização das ideias da frase não percam o verdadeiro sentido para quem está lendo.

3.3.3 avaliação da escrita a partir da produção textual

O segundo recurso para a análise da escrita foi a produção de texto, com o qual não só a escrita, mas também a capacidade de criação, interpretação da proposta de trabalho e construção textual dos sujeitos foi observada. Para este relatório foram selecionados trechos de três produções, conforme a seguir:

- Nois sono parte do povo caluga, nosa cutura pricisa ser valorizada pruque se isso num acontecer os nosso futuro filos não iran sabê sobre os nossos passado. **(Estudante 1, 6º ano)**
- Gosto muinto de morar aqui no Vão de Alma, aqui é meu luga, é o lugar de miha familha. Nós vivemo bem nesse luga, quero vive pra sempre com meu povo negro calunga. **(Estudante 2, 7º ano)**
- O povo Kalunga tem uma cultura muito rica, sou apaixonado por este lugar. Nós devemos lutar para preservar os nossos valores. A escola precisa fazer com que nossos pais e alunos entendam que temos os nossos prestijios. Vivemos em nossa comunidade, felizes por sermos unidos na nossa

¹ Onde se apaga letras no meio das palavras (BAGNO, 2007).

cultura e costumes. Somos muito devotos de nossa Senhora do Rosário, que nos dá força e sabedoria para lidar no campo, no plantar e colher, no amar a natureza. **(Estudante 6, 9º ano)**

Na produção textual permanece a variação fonético- fonológica na escrita dos alunos, de maneira que desvios padrões podem ser observados em algumas formações, havendo aspectos relacionados a concordância nominal das palavras e problemas gráficos, por exemplo: “nóis sono parte do povo caluga”, contudo, prevalece a formação cabível da frase (BAGNO, 2007). Predomina ainda a dificuldade em torno do emprego da consoante nasal **N** no meio de palavras como **minha**, **Calunga** (mesmo que Kalunga – presença de variação morfológica), além disso, temos na escrita um exemplo clássico da influência da oralidade na escrita, no momento que o estudante 2 escreve **familha** ao invés de **família**.

Enfim, as ações desenvolvidas com os estudantes da Escola Santo Antônio contribuíram para observar que as variações linguísticas estão presentes neste contexto, e ainda, serviram para entender outras questões relativas a linguagem padrão, inclusive ao aperfeiçoamento da mesma, de modo a respeitar na fala as diversidades culturais dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pautou-se em analisar o processo de variação linguística na Escola Estadual Calunga I- Extensão Santo Antônio.

Os participantes da pesquisa foram professoras e jovens quilombolas que carregam em suas origens uma cultura popular variante nos seus modos de falar. Essa cultura, de tal modo se estendeu até aos dias de hoje, de forma que mesmo com o advento da Educação Rural o povo Kalunga não deixou de bem utilizá-la, e de fato, isso o torna uma população diferenciada das demais populações no Brasil, pois essa maneira diferenciada de se comunicarem mesmo tendo estudado a cultura erudita ou não, é entendida como parte da cultura viva e perpetuada na vida desses sujeitos.

Essa caracterização explicitada prova que, de fato a cultura variável na língua do povo Kalunga ainda é bastante forte não só entre os mais velhos, mas também entre os jovens estudantes que hoje têm possibilidades de se aprimorarem na leitura e na escrita através da Educação Básica. E passam a entender que a escola pode até ensinar a norma padrão, mas não mudar a cultura.

O estudo sobre essa temática ajudou a entender que, no contexto da escola e da comunidade do Vão de Almas a variação linguística existe e prevalece apesar de que na prática social e escolar a noção do erro linguístico ainda é difundida entre professores, alunos e sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, 184p.

BAGNO, Marcos; GUINÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002, 248 p.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, 240p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CRESWELL, Jonh W. Projeto de Pesquisa: **Método Qualitativo, Quantitativo e misto**. 3ª Edição. Porto Alegre, Artmed, 2010, 296 p.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. **Quilombolas**. IN: Caldart Roseli Salete [ET AL]- Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012, p. 647- 652.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa?** 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOLINA, Mônica Castagna. (org.) **Educação do Campo e Pesquisa – Questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2010.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de; CAMPOS, Marília. **Educação Básica do Campo**. IN: Caldart Roseli Salete [ET AL]- Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro,

São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012, p. 239- 246.

PARÉ, Marlene Leal; OLIVEIRA, Luana Pará de; VELLOSO, Alessandra D'Aqui. **A educação para quilombolas**: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da comunidade kalunga do Engenho II (GO), 2007.

RABELO, Danilo. **A Educação e o Combate ao Racismo**. Universidade Federal de Goiás, 2015. Disponível em: <http://historiaecultura.ciar.ufg.br/modulo2/capitulo12/index.html>. Acesso em: 10 de dezembro de 2015.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** Coleção primeiros passos, São Paulo: Brasiliense, 2006. Disponível em: <http://www.submit.10envolve.com.br/uploads/b8f1125ccc4796635744d45e29b2763e.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2015.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Português**: uma proposta para o letramento. Manual do Professor. São Paulo: Moderna, 1999.

TRONCHIN, D. M. R.; TSUNECHIRO, M. A. **A experiência de tornarem-se pais de prematuro**: um enfoque etnográfico. Rev Bras Enferm, v. 58, n. 1, p. 49 – 54, 2005.

UNGARELLI, Daniella Buchmann. **A comunidade quilombola Kalunga do Engenho II**: Cultura, produção de alimentos e ecologia de saberes. Brasília, 2009.

APÊNDICES

TEMA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA SANTO ANTÔNIO

ROTEIRO DE ENTREVISTA 1: PARA PROFESSORES

IDENTIFICAÇÃO

- a). Nome: _____ () anônimo
- b). Idade: _____ Sexo: _____ Série: _____ Grau de
Escolaridade _____
- d). Município onde reside _____ Cidade () Campo ()

▪ Dados de campo:

- 01). Você ministra aulas para quais turmas na escola onde trabalha?
- 02). Quanto ao tema em estudo, você sabe o que é variação linguística? Justifique.
- 03). Você considera que nas turmas onde trabalha há variação linguística? E na comunidade? Justifique.
- 04). No seu modo de pensar, existe preconceito em torno do modo de falar dos alunos na escola, na comunidade e na atual realidade de mundo? Justifique.
- 05). O que você acha que deve ser feito pela escola para que a cultura e a variação linguística sejam valorizadas? Explique.

ROTEIRO DE ENTREVISTA 2: PARA ALUNOS

IDENTIFICAÇÃO

a). Nome: _____() anônimo

b). Idade: _____ Sexo: _____ Série _____ Grau de
Escolaridade _____

c). Município onde reside _____ Cidade () Campo ()

d). Função/ocupação: _____

▪ **Dados de campo:**

01). Quanto ao tema em estudo, você sabe o que é variação linguística? Justifique.

02). Você considera que na turma onde você estuda há variação linguística? E na comunidade? Justifique, dê exemplos.

03). Você encontra alguma dificuldade para falar ou escrever na língua padrão (Culta)? Quais são essas dificuldades?

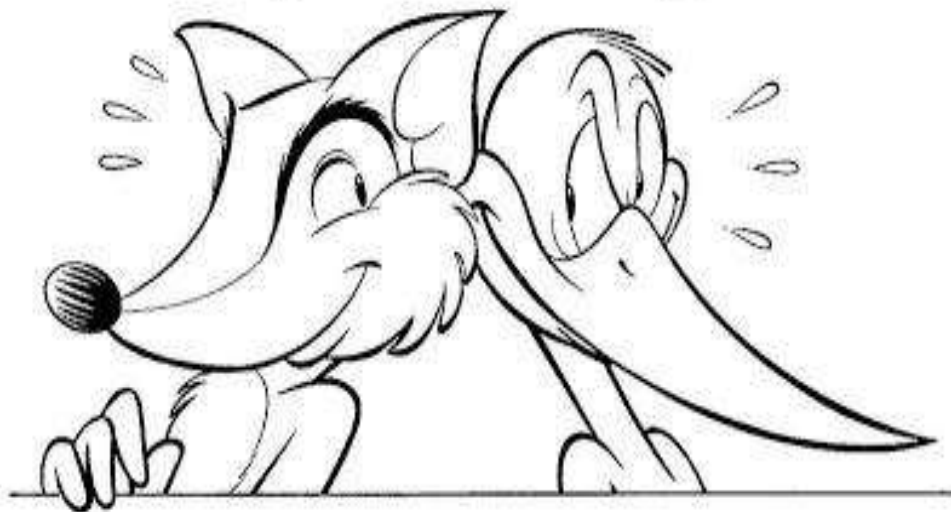
04). No seu modo de pensar, existe preconceito em torno do modo de falar dos alunos na escola, na comunidade e na atual realidade de mundo? Justifique.

05). O que você acha que deve ser feito pela escola para que a cultura e a variação linguística do Vão de Almas sejam valorizadas? Explique.

AÇÕES DESENVOLVIDAS COM OS ALUNOS

1 - LEITURA (UTILIZANDO GRAVADOR DE VOZ)

A Raposa e a Cegonha



Uma raposa convidou uma cegonha a jantar e só lhe serviu uma sopa, dentro de um prato muito raso. A raposa lambia o prato, com facilidade, enquanto que a cegonha só conseguia molhar um pouco a ponta do bico. Foi-se embora tão faminta quanto chegara.

- Que pena! - disse a raposa. - Minha sopa não te agradou! Talvez não estivesse bem cozida!

- Não precisa desculpar-te - respondeu a cegonha. - Vem jantar em minha casa na próxima semana.

A raposa foi. Para seu desapontamento, a cegonha lhe serviu a sopa num jarro comprido, de gargalo estreito.

A cegonha enfiou por ali o bico e bebeu a sopa toda. A raposa não bebeu uma só gota.

"Quem zomba dos outros é vítima de zombaria".

Fonte:

<http://alfabetizacaocefaproponteselacerda.blogspot.com.br/2013/02/diversos-textos-bem-divertidos-para.html>.

3 - DITADO:

O Pintinho e a Pipa

Debaixo de uma pipa que pinga
Há um pinto que pia;
Quanto mais a pipa pinga
Mais o pinto pia
Pinga a pipa
pia o pinto
O pinto pia
a pipa pinga
Pinga a pipa
pia o pinto
O pinto pia
pinga a pipa



Fonte:

<http://alfabetizacaocefaproponteselacerda.blogspot.com.br/2013/02/diversos-textos-bem-divertidos-para.html>.

4- PRODUÇÃO DE TEXTO:

ESCREVA COM SUAS PALAVRAS UM TEXTO SOBRE O TEMA: “COMO VALORIZAR OS CONHECIMENTOS DO POVO KALUNGA?”